

Agência é refúgio na selva do financiamento

Os cientistas do Primeiro Mundo podem reclamar de problemas na obtenção de financiamento. Mas suas dificuldades são pálidas em comparação às que enfrentam seus colegas no Brasil. Tome-se o caso do biólogo molecular no Rio de Janeiro que pensou ter encontrado a maneira perfeita de vencer a inflação brasileira, escalando, em meados de 1993, para as alturas de 50% ao mês. Quando recentemente esse biólogo recebeu o cheque de um *grant* (auxílio) dos Estados Unidos, decidiu descontá-lo e guardar dezenas de milhares de dólares num cofre. Dessa forma, pensou, poderia estabilizar o valor de seu grant. Funcionou bem -- até que ladrões invadiram seu banco e esvaziaram todos os cofres, encerrando abruptamente seu projeto.

O caso é excepcional, mas muitos cientistas no Brasil dizem que fontes de financiamento mais convencionais não os servem muito melhor do que aquele depósito num cofre de poupança. O equivalente brasileiro da Fundação Nacional de Ciência dos EUA -- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, conhecido por seu obsoleto acrônimo, CNPq -- concentra-se em uma variedade de programas direcionados, estipêndios e institutos de pesquisa, deixando pouco dinheiro para projetos de iniciativa dos pesquisadores. A outra grande agência federal de fomento à pesquisa e desenvolvimento, a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), favorece empreendimentos de alta tecnologia. Falando reservadamente, pesquisadores dizem que veem essas duas instituições como burocracias típicas: lentas, introspectivas, desperdiçadoras e políticas. Mas existe uma importante agência de financiamento que cientistas de todo o Brasil conhecem e admiram: um fundo rotativo para ciência e tecnologia administrado pelo estado de São Paulo, chamado Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Pesquisadores adoram a FAPESP porque é tudo o que as outras agências não são: eficiente, focada na qualidade e tocada com os cientistas em mente. Essa tradição começou há mais de 30 anos, quando líderes progressistas do estado de São Paulo - o mais rico do Brasil - decidiram criar um fundo de pesquisa que operaria fora do sistema

político usual. Eles incluíram na constituição estadual uma cláusula estipulando que 1% de todas as receitas do Estado, a cada ano, seria reservado para auxílios à pesquisa.

Segundo o atual diretor científico da Fapesp, José Fernando Perez, a fundação agora está recebendo cerca de US\$ 50 milhões por ano e -- usando reservas acumuladas -- planeja gastar entre US\$ 70 milhões e US\$ 90 milhões por ano em concessões de bolsas e auxílios. O dinheiro está disponível somente para residentes de São Paulo, mas geralmente eles se unem a colaboradores de outros estados.

Por lei, diz Perez, a FAPESP não pode gastar mais de 5% de seu orçamento em despesas administrativas. O resto vai para os pesquisadores - num contraste marcante com as agências federais, que absorvem a maior parte de seus próprios orçamentos administrando projetos internos. Diferentemente de outras agências, a Fapesp tenta evitar a emergência de conflitos de interesses e todas as submissões são inteiramente revisadas por pares. O pesquisador espacial Umberto Sobral, de São José dos Campos, por exemplo, disse estar emocionado com a forma como a FAPESP lidou com sua solicitação: leu, aceitou e financiou novos projetos para ele estudar a magnetosfera da Terra, enquanto uma agência federal o deixava pendurado. E um biólogo do Rio disse que mantinha a Fapesp em alto conceito porque mesmo suas respostas críticas demonstravam que os revisores tinham lido as propostas cuidadosamente.

A Fapesp é capaz de colocar a ciência em primeiro lugar em razão de sua independência. Pelo menos metade dos membros de seu conselho superior, nomeados pelo governador de São Paulo, tem formação técnica. Como resultado, diz Perez, “não precisamos alinhar nossas políticas às políticas do governo”. No entanto, isso pode mudar, porque a orientação técnica da Fapesp vem sendo protegida mais pela tradição do que pela lei”.

Mas enquanto as coisas estão indo bem, a Fapesp quer se expandir. Segundo Perez, a agência espera oferecer uma nova série de auxílios destinadas a melhorar a infraestrutura de pesquisa e já começou a rolar a bola pagando para levar a Internet a todos os cientistas brasileiros, inclusive os de fora de São Paulo. Agora, diz Perez, a Fapesp está planejando propor solicitações de financiamento para atender a necessidades de equipamentos, desde ar-condicionado até reformas de laboratório. Em

conjunto com o Banco Mundial, que está contribuindo com aproximadamente US\$ 100 milhões, a Fapesp planeja investir US\$ 250 milhões em equipamentos de laboratório nos próximos 3 anos. A palavra já foi dada e, com base em demonstrações de interesse, Perez diz: "a demanda parece ser o dobro do que antecipamos".

Outros estados brasileiros provavelmente não aproveitarão essa brecha. Seus governos tentaram copiar a Fapesp, colocando em suas constituições estaduais percentuais para pesquisa e desenvolvimento. Mas os cientistas relatam que essas leis têm sido ignoradas: políticos de outros estados ainda não conseguiram engolir algo tão estranho como uma agência de fomento à independente e apolítica.